

Reflexão sobre o trabalho, ócio, lazer e o tempo livre de idosos na contemporaneidade

*Reflection on work, leisure, recreation and leisure in
contemporary elderly*

Maria Amélia Ximenes
Beltrina Côrte
Marta Helena Souza de Conti
Stela Neme Daré de Almeida
Letícia Carnaz
Luciene Ferreira

RESUMO: O estudo refletiu sobre as questões do trabalho, ócio, lazer e o tempo livre no olhar dos idosos. Foi idealizado a partir dos dados de uma pesquisa feita pela Consultoria Idea Brasil, para o Instituto Trabalho e Vida, em 2010. Percebeu-se que o desejo de aposentar-se continua presente na vida dos trabalhadores brasileiros; porém, a longevidade evidente exige dos indivíduos, da sociedade e dos órgãos públicos um posicionamento quanto à valorização de diferentes formas de viver em atividade laboral.

Palavras-chave: Trabalho; Tempo Livre; Idoso.

ABSTRACT: *The study reflected on the issues of work, laziness, leisure and free time from the point of view of the elderly. It was realized conceived from the data of a survey conducted by Consulting Idea Brazil, to Instituto Trabalho e Vida, in 2010. It was noticed that the desire to retire is still present in the life of Brazilian workers, but the*

apparent longevity, requires from the individuals, society and government agencies, positioning on the values of different ways of living in labor activity.

Keywords: *Work; Free time; Elderly.*

Introdução

- *Comerás o pão com o suor de teu rosto!*, diz a Bíblia. Naquele instante nascia o trabalho, associado à “tortura”, ao “castigo”, à “maldição”. Adão foi expulso do paraíso por contrariar a vontade de Deus e lhe foi dada a possibilidade de “purificação” através do “sacrifício laboral”. Os romanos o batizaram de *tripalium*, que também designava um instrumento de tortura. A etimologia acabou dando, em português, trabalho que também significa “labor”, “labuta”, do latim *labor*, que quer dizer “dor”, “fadiga”, “pena”.

As ideias de trabalho como “castigo”, “expição”, no mundo cristão católico, ou “valor”, no mundo cristão protestante, conquanto persistentes, não são mais hegemônicas, e pode-se reconhecer que o trabalho assalariado não necessariamente se opõe a prazer e autorrealização. Contudo, essa foi uma das concepções durante muito tempo construída em nossa cultura e que ainda persiste em nossos dias. Dessa forma, o desejo de aposentadoria está presente na vida dos trabalhadores brasileiros, fato constatado na pesquisa, feita pela Consultoria Idea Brasil, em parceria com o Sebrae Nacional e o Metrus, para o Instituto Trabalho e Vida, na qual mostra qual a expectativa e a visão dos idosos relacionadas ao trabalho e à qualidade de vida¹.

Dentre os muitos desafios que o “mundo do trabalho” enfrenta, pode-se incluir agora também a longevidade, com o aumento da população de 80 anos e mais (IBGE 2010). O homem tem, ao longo de sua vida, três grandes etapas: preparação para o trabalho, trabalho remunerado e aposentadoria. A longevidade impõe uma quarta grande

¹ A amostra foi de 1304 idosos (homens e mulheres entre 60 a 70 anos) distribuídos entre 5 capitais brasileiras (São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Salvador). Esta pesquisa foi publicada na segunda versão do livro *Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade* (2010) promovido pelo Instituto Trabalho e Vida, com o patrocínio do Ministério da Saúde. A obra, organizada por Juarez Correia Barros Júnior.

etapa, talvez a mais longa do mundo do trabalho, ainda não nomeada e percebida, mas que já começa a exigir do indivíduo, da sociedade e dos órgãos públicos, um posicionamento quanto à valorização de diferentes formas de viver em atividade laboral.

A pesquisa acima citada mostra que a maioria dos idosos entrevistados é do sexo feminino, não trabalha, e é dona de casa. Pode-se dizer que a função desenvolvida por estas mulheres, por não ser remunerada, é considerada não trabalho, inclusive pelas mesmas. Historicamente a noção moderna de trabalho foi construída a partir do trabalho fabril; assim, trabalho em geral remete à ideia do trabalhador masculino e assalariado e o mundo do trabalho tem sido separado da casa, da família e do local de moradia.

Autores que hoje problematizam a questão do “ganha-pão” procuram fugir a uma demarcação estrita de trabalho como assalariado ou emprego. Assim, o conceito trabalho é ampliado (ou retoma sua real proporção) como sinônimo de toda a atividade transformadora, de produção e reprodução da existência, sendo o emprego apenas uma de suas facetas. Quando se falava em “dupla jornada de trabalho” das mulheres, por exemplo, esta expressão se ancorava numa visão “tradicional” de trabalho, a qual buscava integrar o conceito do trabalho em casa (filhos, limpeza, preparo das refeições, compras, gerenciamento da casa etc.) e fora de casa (como doméstica, exercendo mediante salário funções semelhantes; no escritório; na escola; no comércio; na fábrica...), em suma, buscava demonstrar o desempenho de atividades não remuneradas (que são o trabalho em casa) e remuneradas (o trabalho assalariado fora de casa), pela mesma pessoa, destacando o aspecto de sobrecarga ou de exploração.

Por outro lado, o mundo dos “fazeres” define as pessoas. Perguntas frequentes como “O que você faz”?, “Você trabalha com quê?”, identificam, situam uns diante dos outros. A identidade do indivíduo se constrói a partir de suas atividades remuneradas ou não e é por meio destas que ele consegue satisfazer suas necessidades com dignidade. O objetivo deste estudo foi refletir sobre as questões do trabalho, ócio, lazer e o tempo livre no olhar dos idosos contemporâneos.

Trabalho e Ocupação

Embora as mudanças contemporâneas no universo do trabalho formal sejam profundas², as velhas definições são visíveis no imaginário dos idosos, especialmente daqueles que participaram da pesquisa Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade. Desse modo, o “em casa” e “fora de casa”, como equivalentes de “não trabalho” e “trabalho assalariado”, ou emprego, hoje ainda significam para homens e mulheres entrevistados.

Em decorrência dessa visão, de trabalho “fora de casa”, encontra-se um número menor de homens e mulheres aposentados que trabalham (61% dos entrevistados). Na cidade do Rio de Janeiro (RJ), dos indivíduos que trabalham fora de casa 63% são homens; e justificaram sua atividade em função da necessidade de complementar a renda 51%; e para não ficar parado, 24%. Em Salvador (BA) que, no senso comum, é conhecido como lugar de não trabalho, a pesquisa nos surpreendeu pois encontramos 44% de pessoas acima de 60 anos que trabalham também para complementar a renda; e 29%, para não ficarem paradas. Já em São Paulo (SP), considerado como lugar de trabalho, esses valores foram 33% e 22% respectivamente.

Destaca-se, no entanto, dentre os motivos citados de continuar trabalhando para ocupar o tempo principalmente os moradores de Porto Alegre (RS) (14%); e ter um negócio próprio (10%), os moradores de Belo Horizonte (MG). Embora sejam poucos, a pesquisa chama a atenção para a continuidade do trabalho pelos motivos como: gostar do que faz, gostar da sua profissão e gostar de trabalhar, dando um total de 13%, especialmente pelos moradores de Curitiba (PR). Esse resultado indica que começa a mudar o olhar do trabalho como fardo e/ou castigo, para prazer, realização, qualidade de vida e, conseqüentemente, saúde.

Motivos como: manter-se atualizado, contatos com colegas, não ficar com depressão, manter a saúde, sentir-se bem, sentir-se útil e porque sempre trabalhou como voluntário e não pensa em parar, foram expressos, o que significa que novas

² Graças à internet, hoje é possível “trabalhar em casa, para fora”, ou exercer em casa funções que antes eram realizadas no espaço fabril.

representações sociais do mundo do trabalho começam a ser vislumbradas. Novos horizontes se abrem, desmistificando a imagem tradicional do aposentado de “pijama” ou daquele indivíduo que reclama de patologias “ditas da velhice”, associando esta etapa da vida a doenças.

Estudos recentes que avaliaram o trabalho na velhice a partir da análise da mídia impressa revelaram que o velho, ao buscar um novo emprego para ter uma renda extra, ganha em qualidade de vida: previne o ócio, melhora sua renda e aumenta a sua autoestima, já que o mercado valoriza a sua experiência. Entretanto, as vagas são escassas e exigem algum tipo de qualificação; por isso, a grande maioria dos velhos está inserida no mercado informal ou subemprego (Ximenes & Concone, 2009).

Cada vez mais o idoso está inserido no mercado de trabalho, seja por necessidade financeira ou por realização profissional e pessoal. Muitos deles sem formação para ocupar outras funções que não aquelas praticadas por toda a sua vida. O que se observou foi que o número de idosos que trabalham está aumentando e o grande segredo para continuar na ativa é a formação com atualização somada à experiência adquirida.

Dentre as ocupações atuais do total dos aposentados entrevistados que continuam trabalhando, 52% atuam na mesma função e, destes, os moradores do Rio de Janeiro compareceram com 65%. O fato de as pessoas voltarem à mesma função sinaliza que há de se encontrar as necessidades profissionais das pessoas idosas que reconheçam a força da experiência, da cooperação e do comprometimento e, ao mesmo tempo, estratégias para capacitá-las, a fim de que possam desempenhar um papel ativo na sociedade.

O que já foi anunciado em 1982 na primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento em Viena: “Os idosos são um bem e não uma responsabilidade da sociedade por causa da contribuição inestimável que proporcionam em virtude de sua quantidade acumulada de conhecimento e experiência”. Na ocasião foi adotado o Plano de Ação Internacional que se constitui até hoje em uma das principais bases internacionais das políticas públicas elaboradas para a população idosa.

Mais tarde, em 2003, o Estatuto do Idoso, no seu Art. 26, estabelece que o idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas. No Art. 28 estabelece-se também que o poder público criará e

estimulará programas de profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas (BRASIL, 2003).

A ocupação é definida como uma implicada e envolvente ação ou impulso que acontece no mundo físico e social. Esta ação é feita de modo consciente ou intencional e subsidiada por uma cultura. É desdobrada e ampliada num tempo e formalizada na forma de um *fazer* (Kielhofner, 1995), seja trabalho, lazer ou tarefas cotidianas. A ocupação, com o sentido do *fazer* humano significativo para quem faz, favorece o continuar vivendo, mesmo que fatos negativos possam interpor-se ao seu processo de envelhecer. Estimula o indivíduo a continuar a fazer planos, estabelece os contatos sociais, tornando-o ativo, participante de sua comunidade, autônomo, aos olhos da sociedade, e mais tarde um velho sem o estigma de velho (Ximenes & Côrte, 2006).

Na verdade, o idoso trabalhador sempre existiu, mas, por algum motivo, a sociedade ainda não assumiu o fato como uma realidade. E, por não reivindicarem, não reclamarem de más condições de trabalho, nem estarem nas estatísticas de acidentes, e nem inclusos na relação dos problemas de saúde pública, simplesmente a categoria idoso trabalhador não existe. Portanto, trabalhar após a aposentadoria no Brasil é como se fosse algo opcional, uma escolha pessoal.

Quer aceitemos, ou não, devemos encarar a realidade: o mundo envelhece e os países precisam da força de trabalho. Segundo Rovira (2010), o que se tem que se levar em conta é que nos nossos dias a população começa a trabalhar mais tarde do que antigamente. De modo que a relação entre a vida profissional e a duração da aposentadoria diminuiu drasticamente, o que torna impossível qualquer fundo de pensão poder se manter, e este fato se junta à baixa natalidade.

O mundo sinaliza para um futuro próximo o aposentado que trabalha porque o estar ativo é importante para o convívio social, principalmente para a manutenção econômica das regiões de maioria idosa e o continuar vivendo numa sociedade de consumo. Afinal, a expectativa de vida de 120 anos permite uma infinidade de fazeres produtivos. Pode-se até (quem sabe?) escolher uma profissão quando jovens e planejar outra para quando aposentar. O planejar da aposentadoria fará parte da realidade futura

no nosso país, sejam atividades remuneradas ou não e, no caso das não remuneradas, estas poderão ser entendidas como não trabalho, ócio ou lazer.

Ócio, lazer e tempo livre

Assim como o envelhecimento, o tempo livre, o ócio e o lazer são estruturantes do novo contexto social. É a partir deles que a sociedade deve começar a se estruturar. O significado da palavra ócio está ligada a conotações negativas e positivas. As negativas estão relacionadas à preguiça, indolência, inutilidade e improdutividade; e as positivas, ao descanso, à folga, ao vagar, ao repouso, ao sossego, ao entretenimento e até ao lazer.

Como já preconizava Oswald de Andrade, o ócio não é esse pecado que se aponta como a mãe de todos os vícios. Ao contrário, Aristóteles atribuía o progresso das ciências no Egito ao ócio concedido aos pesquisadores e aos homens de pensamento e estudo. A palavra ócio em grego é *scholé*, da qual deriva a palavra escola e, em latim, *negotium*, ou seja, negócio (*nec + otium*), negação do ócio. No latim, *otium* é descanso, lazer, e a partícula *nec* é um advérbio de negação. Praticar o *não-ócio* é negociar, trabalhar para, depois, dedicar-se ao que é positivo: viver em paz. Conceitos que devem ser revistos até para se pensar em outras formas de capital que não somente o econômico, como o capital social e o da sabedoria.

Na sociedade antiga, os ociosos eram vistos como os homens que escapavam ao trabalho manual para se dedicar à especulação e às conquistas do espírito. E, hoje, pela técnica e pelo progresso social e político, o homem deixa a sua condição de escravo e penetra de novo no limiar da idade do ócio. No mundo supertecnicizado que se anuncia, o homem poderá alimentar sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. No passado também se considerava ócio o tempo disponível depois de terminado o tempo destinado ao trabalho. Até a década de 1960, o ócio era mais como um “tempo” que como uma “atividade”. Situava as atividades de ócio em uma espécie de limbo, o trabalho era mais importante, até que o entretenimento e o lazer tornaram-se um negócio internacional, com interesses comerciais e empresariais (Cabeza, 2008).

No Brasil, as palavras ócio e lazer aparecem como semelhantes, por necessitarem de um tempo liberado ou livre e resguardarem relação com liberdade. Contudo, o termo lazer na atualidade pode ser usado na sua concepção real ou ser associado a entretenimento, turismo, divertimento e recreação; no entanto, é tão polêmico quanto o sentido do termo ócio (Aquino & Martins, 2007).

Essas associações do termo lazer estão relacionadas à nossa sociedade de consumo, sendo que a velhice ou a famosa “terceira idade” (dá visão de ativo), a fase de vida que hoje é considerada a maior de toda a vida humana e teoricamente a merecedora por direito de tempo livre e lazer. Tempo livre predefine os atores sociais envolvidos em atividades de lazer. Mas, ao falarmos em tempo livre, essa noção fica associada ao não-trabalho, já que é a jornada de trabalho que define as atividades do tempo livre. Não se pode perder de vista, entretanto, que o ócio valorizado é aquele conquistado depois de muitos anos de trabalho; ao ócio “senhor dos males”, ou “pai de todos os vícios”, contrapõe-se o ócio como prêmio de uma vida laborativa.

Na pesquisa, Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na 3ª idade, entre as atividades principais de lazer que os idosos entrevistados realizam é a caminhada, a leitura e a ida ao cinema, sendo a preferência de homens e mulheres. Embora o programa do governo mais conhecido por eles seja o Viaja Mais, Melhor Idade,³ a viagem não consta como favorita nas suas atividades de lazer realizadas. Ela faz parte do ideário da vida de aposentado, pois se observou que em relação à expectativa sobre o aposentar, as atividades planejadas são viajar, passear e descansar, e ter mais tempo livre, com um percentual de 29%. No entanto, a viagem não entra no destino da renda obtida com o trabalho. O que é confirmado quando perguntados sobre metas não realizadas com relação a tempo livre: 44% do total não realizaram o sonho de viajar. Estas expectativas são mais presentes entre os moradores de Curitiba (42%).

Do total de aposentados entrevistados, 63% assinalaram que o desejo de aposentar está vinculado ao aproveitar a vida e descansar. A expectativa quanto à aposentadoria é de 41% do total de aposentados e está relacionado a descansar, viajar e

³ Iniciativa do Ministério do Turismo que se propõe a facilitar e estimular brasileiros acima de 60 anos a viajar pelo País na baixa ocupação. Cf. <http://www.viajamais.com.br/viajamais/>

curtir a vida e é mais frequente nos moradores de Salvador (55%). Talvez isso se deva ao fato de que existem casos em que algumas atividades dos aposentados soteropolitanos parecem ficar na interface entre lazer e trabalho sem uma definição, por não se indagar sobre as relações sociais que perpassam as práticas do lazer, seus principais protagonistas, suas formas de gestão e de produção. O que não foi percebido nos moradores de São Paulo, conhecida no senso comum como capital do trabalho, com um montante de 35%.

O homem contemporâneo se acha dividido entre as obrigações laborais e o desejo de se libertar destas tarefas e assim desfrutar de um tempo só para si. O processo de educação, formação da sociedade moderna, porém, gerou os valores da atual sociedade de consumo que não contempla a orientação do ser/existir num tempo de “nada fazer”. Embora pouco mencionado, entre os motivos indicados para se aposentar está o tempo livre (2%), o que mostra que este já começa a fazer parte do discurso da qualidade de vida.

O acesso à internet é ainda pouco utilizado pelos idosos entrevistados, apenas 35% costumam acessar e os que mais usam são mulheres (37%), e moradores de Curitiba (65%) e aposentados (38%). Os moradores que menos utilizam são os de Porto Alegre (75%) e não aposentados. Percebe-se que essa tecnologia, não dominada ainda no universo idoso, não faz parte das atividades escolhidas para o tempo livre. No Brasil, o acesso à internet pelo público idoso é tímido se comparado às outras faixas etárias. A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) sobre acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, realizada em 2008, mostra que apenas 11,2% das pessoas com 50 anos ou mais usam a web⁴ (IBGE, 2008).

Observou-se que, ultimamente, muitos especialistas têm recomendado aos idosos o acesso à Internet como uma espécie de “terapia”, a fim de preencherem o tempo. Com isso, o contato com a tecnologia, algumas vezes, tem trazido a sensação da volta do sentimento de produtividade e ampliação do círculo de amizades.

Tempo para descanso e aproveitar a vida são as últimas atividades de uso do tempo lembradas pelos participantes da pesquisa Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade como pontos positivos da aposentadoria. O tempo

⁴ O grupo representa 24,8% da população total, mas apenas 8% daqueles que acessaram a internet.

maior para descanso, aproveitar a vida, viajar e passear, tempo para o lazer e tempo livre para realização de outros projetos, juntos, somam o montante de 28% e estão mais presentes nos moradores de Salvador, seguidos dos do Rio de Janeiro. Como pontos negativos foram indicados, por último, a monotonia e o ficar sem fazer nada.

Já em relação ao trabalho após a aposentadoria, observa-se que muitos “baby boomers”⁵, hoje com pais idosos,⁶ estão percebendo que a vida pós-aposentadoria não é apenas um lento declínio como se anunciava até pouco tempo atrás, mas que há sabedoria a ser conquistada, trabalho a ser feito, aventura a ser vivida. Alguns profissionais com mais de 55 anos chegam mesmo a procurar novas carreiras. Nos Estados Unidos, por exemplo, o número de americanos autônomos entre 55 e 64 anos cresceu 52% entre 2000 e 2007, segundo dados da Administração das Pequenas Empresas, entidade federal daquele país.

Um estudo de 2005 da Harris Interactive para a Merrill Lynch descobriu que 76% dos *Baby Boomers* pretendem continuar a trabalhar e ganhar dinheiro na aposentadoria. No entanto, nem todos querem trabalhar em tempo integral, 42% planejam alternar períodos de trabalho e de lazer, enquanto 35% planejam trabalhar em tempo integral ou meio período. Apenas 17% esperam ter parado de trabalhar ao se aposentar. É uma geração que pretende permanecer ativa, inclusive por meio do voluntariado. Um estudo de 2005, de pesquisadores da RTI International, descobriu que praticamente um terço de todos os *Baby Boomers*, de ambos os sexos, trabalham como voluntários ajudando pessoas. Essa cultura, infelizmente, não existe no Brasil. O trabalho voluntário pós-aposentadoria não faz parte do ideário dos idosos, aposentados e

⁵ Geração que compreende as pessoas nascidas entre 1946 e 1964. Em 1945, os Estados Unidos e o restante das Forças Aliadas declararam vitória na Segunda Guerra Mundial, ocorrendo o retorno dos soldados e o estabelecimento da economia, época em que as pessoas começaram a ter seus próprios destinos. A explosão na população criou o que passou a ser chamado de Geração *Baby Boomer*, a qual permaneceu como o maior grupo exclusivo de pessoas, em todas as etapas das suas vidas, e dominou o panorama internacional. Quando jovens, criaram o movimento juvenil dos anos 60; quando completaram 20 anos, criaram a cultura do excesso nos anos 70; nos anos 80, criaram o movimento dos “Yuppies”, encontrando seu caminho no mundo corporativo pela primeira vez. Hoje, os *Boomers* mais velhos estão na casa dos 60 anos e, mais uma vez, são responsáveis por uma mudança no paradigma do mundo do trabalho.

⁶ Um estudo de 2006 da Escola de Gerontologia Leonard Davis, da University of Southern California, verificou que os *Baby Boomers* estão em atividade, cuidando dos seus pais. Outra pesquisa de opinião de 2005, da Campbell-Ewald Health, assinala que 13 milhões dos *Baby Boomers* do país são responsáveis por cuidar dos pais doentes e estão muito envolvidos na atividade do cuidar, especialmente as mulheres.

não aposentados, participantes da pesquisa Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade (Neilsen, 2012).

A maioria dos 1304 idosos entrevistados identificou como vantagens do trabalho pós-aposentadoria a ocupação do tempo ocioso e como desvantagem não ter tempo livre para o lazer e descanso, especialmente os moradores de Salvador. O uso do tempo livre foi mais pontuado pelas mulheres e mais importante para os moradores do Rio de Janeiro, seguido de Porto Alegre, Salvador, e foi mais assinalado pelos idosos aposentados.

Do total dos entrevistados, 88% não realizaram sua meta em relação ao uso do tempo livre; apenas 13% realizaram e esse índice é maior no homem e mais presente nos moradores de Salvador, seguidos pelos de Belo Horizonte e nos não aposentados. Percebe-se uma coerência entre trabalho por prazer como sinônimo de tempo livre e os que mais tiveram seu sonho realizado foram os moradores de Porto Alegre.

Em relação ao conhecimento sobre programas governamentais dirigidos para a terceira idade, 24% do total dos idosos entrevistados conhecem algum. Destes, 24% já participaram de um deles, com maior índice entre as mulheres, moradores de Salvador e aposentados. Os mais conhecidos são os de viagens, até por conta da grande divulgação midiática, com 23%, mas isso não implica em sua realização; atividade física com 18%, também incentivada pelo governo com o incentivo e implantação das academias livres para a terceira idade nos municípios brasileiros; e os bailes com 4%.

Na realidade, esperava-se que mais idosos mencionassem os bailes, de iniciativa privada e não governamental, como espaços de lazer. Ressalta-se que o público pesquisado mostrou dificuldade em distinguir a origem pública ou privada dos programas. Resultados parciais de pesquisas realizadas no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento mostram impressões significativas sobre os bailes para os idosos: uma grande sensação de prazer, bem-estar e alegria; desse modo, representam os bailes como um lugar de desejo e onde os idosos passam a ganhar reconhecimento de si mesmos e se tornem mais respeitados em relação a outros espaços da sociedade. O filme "Chega de Saudades"⁷ mostra a maneira que as pessoas escolhem para viver e percorrer o caminho da velhice.

⁷ Direção de Laís Bodanzky e roteiro de Luiz Bolognesi (2008), o filme se passa em um salão de baile, em uma noite de alegria, recordações e saudades de pessoas já envelhecidas.

As universidades abertas, sendo a maioria de origem privada, também foram lembradas, mas a participação nelas foi de apenas 10%. Atividades em universidades são conhecidas em 26% do total dos entrevistados e mais por mulheres; o que chama atenção é que a maioria não as conhece (74%) e é baixa a frequência (90%), principalmente de homens e não aposentados e moradores de Porto Alegre. As atividades para a terceira idade não fazem parte do entorno dos não aposentados.

Mas as atividades mais conhecidas de atividades dirigidas para a terceira idade são as do SESC, com 47%, e também são aquelas em que a maioria dos idosos entrevistados, especialmente as do sexo feminino, participam (24%), e mais conhecidas pelos moradores de Curitiba, seguido de Belo Horizonte e São Paulo. Não ficar com tempo ocioso é a opinião a respeito desses programas para 6% do total do público pesquisado que conhece os programas. A pesquisa chama a atenção para o grande número de pessoas idosas que desconhece os mesmos (53%); destes, 60% são homens, principalmente moradores de Salvador, seguidos dos do Rio de Janeiro; 76% não frequentam porque não adquiriram o hábito ao longo de suas vidas de participarem de tais atividades, especialmente moradores de São Paulo e Salvador. Os primeiros, inclusive, foram os que melhor avaliaram tais atividades sem, no entanto, participarem. O que mostra que há, no imaginário das pessoas idosas, que as universidades abertas são boas para o aposentado e não para si mesmo, pois “velho sempre é o outro”.

Em relação às igrejas, as atividades são conhecidas por 38% dos entrevistados e destes 34% participam, são bem avaliadas e são mais conhecidas e utilizadas por mulheres. No entanto, 63% do total do público pesquisado, não conhecia, principalmente homens, moradores do Rio de Janeiro e não aposentados. Mas são bem avaliadas, pois disseram saber que faz bem, não para eles, para os velhos. O mesmo ocorre com as atividades para terceira idade em associações, conhecidas por 32% do total dos entrevistados, sendo que destes, 29% participam. São também muito bem avaliadas. Chama a atenção 68% não as conhecer, principalmente homens, moradores do Rio de Janeiro, tanto por aposentados como não aposentados.

As atividades dirigidas para a terceira idade como tais não são tão frequentadas pela negação da identidade da velhice pelos próprios entrevistados, fato comprovado também pelo projeto do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento – OLHE, chamado de Condomínio Amigo do Idoso que passou recentemente para apenas Condomínio Amigo. O mesmo ocorreu com o programa Cidade Amigo do Idoso, iniciativa da Organização Mundial de Saúde, que mudou para Cidades Amigáveis. Este é um alerta para que as atividades dirigidas às pessoas idosas, aposentadas ou não, devam ser repensadas, renomeadas e rediscutidas, levando em conta a linguagem, a intergeracionalidade e os projetos de vida singulares.

As atividades, de modo geral, estão inseridas no tempo livre e acabam proporcionando à pessoa idosa um ponto de encontro e convivência, senso de pertencimento, utilidade e sentido para a vida. Algumas delas indicam a busca de uma ética do envelhecimento via conhecimento, prazer e rede social. Destacamos que as redes sociais das pessoas idosas são normalmente amplas e complexas. Dessa forma, as atividades deveriam ser idealizadas dentro dos programas existentes tendo como referencial essas redes. Uma rede social compreende todas as relações interligadas de uma pessoa e, por ser considerada um sistema de dar e receber, pode influenciar o comportamento social de todos os seus membros, importante para o trabalho e ócio no tempo da longevidade.

Referências

Aquino, C.A.B. & Martins, J.C.de O. (2007, set.). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, VII(2), 479-500. Fortaleza (CE).

BRASIL. Estatuto do Idoso (2003). Estatuto do idoso: Dispositivos constitucionais pertinentes, lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003, normas correlatas, índice temático. Brasília (DF): Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação. Recuperado em 18 novembro, 2009, de: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/bitstream/id/70326/2/672768.pdf>.

Cabeza, M.C. (2009). *Ócio para viver no século XXI*. Fortaleza (CE): Musas.

Côrte, B. (2009). De olho na mídia. *Revista Kairós - Caderno temático, 6* “Mídia, Velhice e Violência”. São Paulo (SP), Brasil: EDUC/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Recuperado em 18 novembro, 2009, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/212/showToc>.

IDEIA BRASIL. Empreendedorismo, trabalho e Qualidade de Vida na 3ª Idade. Recuperado em 24 setembro, 2012, de: <http://www.trabalhoevida.com.br/download/pesquisa3idade.pdf>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2008). Recuperado em 18 novembro, 2009, de: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2010). Recuperado em 27 julho, 2012, de: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/>

Kielhofner, G. (1995). *A model of human occupation: theory and application*. (2th.ed.). Baltimore (EUA): Williams & Wilkins.

Neilsen, D. (2007). *HowStuffWorks - Como funcionam os Baby Boomers*. Publicado em 01 de junho de 2007 (atualizado em 24 de janeiro de 2009). Recuperado em 31 outubro, 2012, de: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/baby-boomers6.htm>.

OMS. (2002). *Plan de Acción Internacional de Madrid sobre el envejecimiento, 2002*. Disponível em: www.madrid2002-envejecimiento.org.

ONU. (2002). *Estratégia Internacional de Ação sobre o Envelhecimento*. Recuperado em 31 outubro, 2012, de: www.madrid2002-envejecimiento.org.

Rovira, E.R. (2010). *Sobre Jubilación en España*. Recuperado em 16 julho, 2010, de: mayoresenmovimientosubscribe@gruposyahoo.com.ar.

Ximenes, M.A. & Côrte, B. (2006, dez.). O fazer institucionalizado: o cotidiano do asilamento. *Revista Kairós, 9*(2), 135-145. São Paulo (SP): EDUC/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

_____ & Concone, M.H.V.B. (2009). Velhice e trabalho, uma relação possível? *Revista Kairós - Caderno temático, 6*, “Mídia, Velhice e Violência”. São Paulo (SP), Brasil: EDUC/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Recuperado em 31 outubro, 2012, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/212/showToc>.

Recebido em 01/12/2012

Aceito em 28/12/2012

Maria Amelia Ximenes - Terapeuta Ocupacional, Doutora em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC-SP. Professora Adjunta do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Sagrado Coração (USC/Bauru).

E-mail: mameliaximenes@yahoo.com.br.

Beltrina Côrte – Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP-SP; Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP; Membro do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento – OLHE; e Editora do www.portaldoenvelhecimento.org.br.

E-mail: beltrina@uol.com.br

Marta Helena Souza de Conti - Fisioterapeuta, Doutora em Ginecologia, Obstetrícia e Mastologia. Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia e do Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade do Sagrado Coração.

E-mail: madeconti@yahoo.com.br

Stela Neme Daré de Almeida - Fisioterapeuta, Doutora em Ciências da Saúde. Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Universidade do Sagrado Coração (USC, Bauru).

E-mail: jorgeste.blv@terra.com.br

Letícia Carnaz - Fisioterapeuta, Doutora em Fisioterapia. Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Universidade do Sagrado Coração (USC, Bauru).

E-mail: lecarnaz@gmail.com

Lucilene Ferreira - Educadora Física, Doutora em Educação Física (Atividades Adaptadas). Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Universidade do Sagrado Coração.

E-mail: luci_ferreira@yahoo.com.br

